

O TERRORISTA DE BERKELEY, CALIFÓRNIA: O INÍCIO DE UM NOVO CICLO NA CARREIRA LITERÁRIA DE PEPETELA

Donizeth Aparecido dos Santos*

PEPETELA. *O terrorista de Berkeley, Califórnia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, 115 p.

O romance *O terrorista de Berkeley, Califórnia*, de Pepetela, lançado em outubro de 2007 pelas Publicações Dom Quixote de Portugal, e ainda não publicado no Brasil, marca o início de um novo ciclo na carreira literária do escritor angolano.

Pepetela, pseudônimo literário de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, ganhador do Prêmio Camões, em 1997, pelo conjunto de sua obra, iniciou sua carreira de escritor no começo da década de 60, publicando alguns contos na *Revista Mensagem* e na antologia *Novos contos d'África*. Depois, já no final da década, engajou-se no Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), participando ativamente da luta armada contra o colonialismo português, e escreveu *Muana Puó* em 1969, dando início a um projeto literário que tinha como objetivos principais a construção da nação angolana e o questionamento do poder político vigente em Angola, seja ele colonial ou pós-colonial, utilizando sempre para esse fim a matéria de extração histórica angolana. Por “matéria de extração histórica” entenda-se, conforme a definição de Alcmeno Bastos (2000, p.9), “a matéria objeto de alguma forma de registro documental, escrito ou não, de que resulta permanecer na memória coletiva de uma determinada comunidade”.

Dessa forma, todas as suas obras publicadas antes de *O terrorista de Berkeley, Califórnia*, possuíam um denominador comum, um tema que perpassava todas elas. Mesmo em suas fábulas alegóricas como *Muana Puó* (1978) e *A montanha de água lilás* (2000), e nos seus romances policiais paródicos, *Jaime Bunda, agente secreto* (2001) e *Jaime Bunda e a morte do americano* (2003), a preocupação com os rumos da nação e da sociedade angolana estava presente.

Agora em *O terrorista de Berkeley, Califórnia* há uma guinada de 180° na carreira do escritor. Pela primeira vez estão ausentes o espaço angolano e a preocupação com a realidade sociopolítica angolana. Ao ler a obra, compreende-se o porquê de sua declaração numa entrevista veiculada pelo site *Angola Digital*¹, de que, ao terminar *Predadores* (2005), último livro

* Doutorando em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - FFLCH - USP

¹ Disponível em: <http://www.angoladigital.net/artecultura>.

lançado antes de *O terrorista de Berkeley*, lhe apeteceu beber champanhe por saber que estava encerrando um ciclo.

O romance, de 115 páginas, tem como cenário a cidade norte-americana de San Francisco e é uma sátira à paranóia do terrorismo que se abateu sobre os Estados Unidos, após o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001. Composto em seis episódios, a obra narra a desventurada história de Larry, um solitário acadêmico norte-americano da Universidade de Berkeley, superdotado em Matemática e Informática, que um dia resolve, para fugir da solidão, criar um correspondente imaginário na internet, a quem poderia “contar os seus pensamentos mais íntimos” (p. 47).

Após o sucesso dessa autocorrespondência, decide ir um pouco mais além e expressar através das mensagens a sua revolta contra o mundo. Para isso, mudou de Tomson para Brad o nome de seu correspondente, passou a utilizar um novo endereço eletrônico altamente protegido por um sistema de segurança criado por ele mesmo, e a servir-se de diferentes computadores da universidade, de acesso livre aos estudantes, para evitar qualquer tipo de rastreamento.

Foi assim que um dia entrou na biblioteca central da universidade, sentou-se a frente de um dos computadores utilizados para consulta de livros e “escreveu um *e-mail* em que explicava a Brad a necessidade para a causa comum de deitarem abaixo a Golden Gate, o maior ícone de toda costa ocidental americana” (p.60). Nos *e-mails* seguintes enviou os planos da ponte, com a descrição de suas plantas, a resistência de suas vigas, as tensões criadas nos arcos, e as especificações técnicas que ajudariam a fazer os cálculos para saberem a quantidade de explosivos necessária e os locais em que deveriam ser colocados para realizar o intento.

Essa brincadeira inofensiva de Larry, concebida apenas para exorcizar seus fantasmas e preencher seus momentos de solidão, porque o personagem jamais colocaria em prática o conteúdo de suas mensagens, toma outras dimensões quando é rastreada pelo serviço de inteligência norte-americano. O teor dessas mensagens cai como uma bomba na sede do Grupo Especial de Combate ao Terrorismo para a região de San Francisco. Observe-se a neurose que toma conta de Steve Watson, o chefe do grupo antiterrorismo:

Mais nervoso ficou Steve quando leu o *e-mail*, apanhado por Mao, em que os pontos fracos da estrutura da Golden Gate eram apresentados em todos os pormenores... E dias depois havia um talvez pior: um esquema do túnel que passa por baixo da água, ligando San Francisco à parte oriental da baía, e dentro do qual corre o metropolitano. Querem dar cabo do Bart em baixo da água? Seria uma catástrofe de incomensuráveis dimensões, atendendo a que uma explosão poderosa no túnel do metro podia fazer ruir também a Bay Bridge, ponte de vários quilômetros e extensão e que corre perto do percurso do metrô.

A Golden Gate era um ícone dos Estados Unidos, como era o prédio da pirâmide para San Francisco, o efeito simbólico seria terrível, mas o metrô era uma catástrofe descomunal pela quantidade de comboios que circulam ao mesmo tempo lá em baixo e a ponte que atravessa a baía leva milhares de carros a qualquer hora do dia. Steve gritava, possesso, estes gajos são completamene loucos, eu tenho de lhes fritar os tomates em óleo queimado, assassinos em massa, e os colaboradores olhavam uns para os outros, solidários com o desespero do chefe mas impotentes. (p.60)

A partir daí a paranóia norte-americana por conta do terrorismo vem à tona. Todo o aparato tecnológico do Serviço de Inteligência norte-americano é acionado, e desfilam pelas páginas do romance agentes secretos, especialistas em informática, professores universitários e algumas raras pessoas ligadas a Larry, e a narrativa se transforma na brincadeira do gato e rato, que culmina, é claro, na eliminação do rato. Pepetela explora ao máximo o jogo entre o sério e o cômico, oferecendo ao leitor uma leitura leve e agradável, mas que também pode (e deve) levar à reflexão. A obra, através da sátira, tece uma crítica à era Bush e suas políticas de (in)segurança interna e também ao *Way American life*, pois, conforme o próprio autor afirmou numa entrevista à Doris Wieser feita em 2005, o romance policial (satírico ou não) é só um pretexto para analisar a sociedade em que foi gerado. Nesses tempos de insegurança e incerteza do início do século XXI, a obra nos permite refletir sobre até que ponto uma sociedade com medo pode reagir à ameaças reais ou imaginárias.

No entanto, segundo palavras de Pepetela, essa obra não foi escrita para ser publicada. Na entrevista já referida ao *Diário de Notícias*, ele afirma que escreveu o livro para ele mesmo, para se divertir e só o publicou por pressões externas. De qualquer modo o romance aí está e marca uma ruptura no projeto literário do escritor por se afastar do território e das preocupações angolanas, tornando-se o início de um novo ciclo em sua carreira literária, no qual envereda-se por outras paragens e temáticas.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Alcmeno. *A história foi assim: o romance político brasileiro dos anos 70/80*. Rio de Janeiro: Caetés, 2000.

PEPETELA. *A montanha da água lilás*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

_____. *Jaime Bunda, agente secreto*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

_____. *Jaime Bunda e a morte do americano*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

_____. *Muana Puó*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

_____. *Predadores*. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

_____. *O terrorista de Berkeley, Califórnia*. Lisboa: Dom Quixote, 2007.